

Indios - Invasão de Terras  
COTRIM VOLTA À SELVA PARA IMPEDIR EXPEDIÇÃO CONTRA TRIBO GAVIÃO

Belém (Correspondente) — Menos de 24 horas após chegar a esta capital, desfilando os rumores de sua morte, o sertanista Antônio Cotrim teve que viajar ontem, às pressas, para as terras da Companhia Industrial D'Amazônia (Oidá), a fim de impedir a saída de uma expedição punitiva contra os índios gaviões, organizada pelo prefeito Raimundo Silva, do Município de Imperatriz, no Maranhão.

Cotrim, que foi acompanhado do agente Amanuri, da Funai, e do agente Petra, da Polícia Federal, teme que a atitude precipitada do prefeito maranhense agrave a situação, que já estava praticamente normalizada com o contato realizado com os silvicultas, domingo passado.

Precipitação

Os gaviões, que ficaram com tres índios pacificados como reféns, lhe deram o prazo até o quarto crescente da Lua (dia 20) para voltar com uma solução para o problema de suas terras.

Foi o próprio sertanista quem recebeu a denúncia da expedição punitiva organizada pelo prefeito maranhense, através do serviço de fofoca da Gida. Logo à sua chegada a Belém, fora chamada a companhia para falar com os trabalhadores da empresa, no Município de Imperatriz, às margens do rio Tocantins, preocupados com os rumores de sua morte. Queriam ouvir a voz do sertanista, para terem a certeza de que ele estava vivo e tranquilizarem, também, os

Índios pacificados do posto Mãe-Maria, que já se mostravam dispostos a uma ação de represália.

Cotrim, então, foi informado de que o prefeito Raimundo Silva estivera na Cida arregimentando homens para uma expedição punitiva. Estava acompanhada do delegado de polícia local e de quatro soldados armados, informando que se iria reunir aos demais membros da expedição na localidade de Cocai, às margens do Tocantins. Dali saíra ontem para dar combate aos índios, penetrando na área silvícola pelas terras da Cida; o mesmo caminho seguido pelo sertanista com a expedição de pacificação.

Imediatamente Cotrim comunicou o fato ao delegado regional da Funai, Sr. José Honório Maia, que manteve às pressas um encontro com o Governador Alacid Nunes e o delegado da Polícia Federal. O Governador colocou, então, o avião do DER à disposição do sertanista e dos agentes Amanuri e Petra até a Cida.

Foram impedir a ação do prefeito maranhense, que tenta repetir o massacre perpetrado, em 1956, por Simplicio Miranda, também prefeito de Imperatriz, que metralhou os índios gaviões depois de atraí-los com presentes colocados numa praia às margens do Tocantins.

O trabalho de pacificação

Não sabendo explicar como surgiram os rumores de

sua morte, o sertanista Antônio Cotrim contou ao JORNAL DO BRASIL, antes de viajar, que realizou o primeiro contato com os gaviões, após os últimos ataques aos brancos, no domingo passado, às margens do Jacaré Jacobá. Acompanhado dos índios pacificados Jokarenum, Prikore e Ioteripi, do posto Mãe-Maria, penetrou na área indígena pelas terras da Cida e acampou, durante alguns dias, na barraca que há tempos construiu, quando da primeira tentativa de pacificação.

Depois de várias incursões de reconhecimento, partiu ao encontro da aldeia, pelas margens do Jacaré. Ali encontrou um gavião cortando palmito de babaçu. O índio estava com os cabelos cor-de-rosa e a cara pintada de preto e o corpo com profundos arranhões feitos com dente de taita. Era sinal de que estava de quarentena, segundo Cotrim. Eles fazem isso todas as vezes que matam um branco. Não comem carne durante 40 dias, pintam a cara de preto para esconder-se do espírito da vítima e ferem o corpo para que escorra o sangue que supõem seja do morto.

O índio, de imediato, tentou correr, mas, passado o susto, da surpresa, assumiu uma atitude de defesa. O sertanista, porém, com a ajuda dos outros índios, conseguiu convencê-lo de que era amigo.

Feito o contato, o gavião, acompanhado de Jokarenum, foi à aldeia, situada cerca de 10 quilômetros adiante, enquanto Cotrim e os

outros dois índios ficaram esperando. Quase oito horas depois voltou trazendo 30 guerreiros, que exigiram do sertanista uma solução para o problema da invasão de suas terras. Explicaram que foram obrigados a reagir porque a caça desapareceu das suas matas e revelaram que mataram seis e não quatro colonos, embora não se tenha notícia dos outros dois.

Pediram ainda ao sertanista que não mais mentisse e dissesse a eles se os brancos tinham algo de bom ou mau, pois queriam viver em paz e temiam o civilização. Informando que nada podia decidir, Cotrim acrescentou que os colonos já haviam sido evacuados de suas terras e prometeu que iria consultar seus chefes, para voltar com a solução.

Os gaviões, então, lhe deram o prazo até o quarto crescente da Lua (dia 20) para voltar com a resposta, exigindo a permanência dos tres índios pacificados como reféns. Deram-lhe, também, um apito, feito com uma enorme cabaça, para soprar quando estiver de volta e inúmeras flechas. Por sua vez, Cotrim lhes deu alguns alimentos.

Possível transferência

O delegado regional da Funai, Sr. José Honório Maia, disse que a transferência da tribo Gavião para as cabeceiras do rio Jacumã, entre o posto Mãe-Maria e a região dos Amanages, seria uma solução para o problema. Esclareceu que a área onde eles vivem, atualmente, está espremeida entre

2 BR-14 e PA-70 e o rio Tocantins, não existindo mais meios de subsistência, pois com a penetração dos colonos a caça, base da sua alimentação, praticamente desapareceu. Já na área do rio Jacumã, de cerca de 70 quilômetros quadrados, entre os municípios de Marabá e Itupiranga, a caça é abundante.

Explicou, então, que Antônio Cotrim, na sua volta, tentará levar três ou cinco representantes dos gaviões para conhecer as novas terras. Caso eles gostem, a Funai, com a ajuda do Governador do Estado, transportará o resto da tribo para lá, dando-lhe os meios indispensáveis para o início da nova vida.

Essa transferência, porém, segundo afirmou o Sr. José Honório Maia, nada tem a ver com a proposta de NCM's 60 mil dos colonos, "pois a Funai não aceita a indenização. Se eles quiserem fazer uma doação à Funai aceitaremos — friso — porém não em troca de compensações, pois as terras dos índios são inalienáveis e se eles quiserem permanecer na sua área atual lhes daremos todas as garantias. Se necessário, pediremos a ajuda das Forças Armadas para impedir o retorno dos colonos à área evacuada."

O delegado regional da Funai afirmou que a decisão da transferência está entregue aos próprios índios gaviões. Eles é que dirão se querem ficar ou sair da terra que, por lei, lhes pertence.